

18 de novembro de 2022

PREVISÕES AGRÍCOLAS

Outubro de 2022

ANO AGRÍCOLA 2021/22 FOI O MAIS QUENTE E O TERCEIRO MENOS CHUVOSO DESDE 1931

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para decréscimos de produtividade da azeitona (-40%, face ao ano anterior), em resultado da escassa precipitação e das elevadas temperaturas. Nas fruteiras, o cenário é semelhante, com quebras generalizadas de produção na ordem dos 45% na pera, 30% na castanha, 20% na maçã, 15% na amêndoa e 5% no kiwi. A vindima de 2022 também deverá registar decréscimos (-15%), antecipando-se a produção de vinhos bem estruturados, com harmonia entre álcool, acidez, açúcares e taninos.

As culturas arvenses de primavera foram igualmente afetadas pelas condições de seca severa presentes ao longo do seu ciclo vegetativo, prevendo-se decréscimos de produção de 10% no milho para grão de regadio e de 15% no arroz e no tomate para a indústria.

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, como muito quente¹ e chuvoso². O valor da temperatura média (18,7°C) foi superior em 2,5°C à normal 1971-2000, posicionando-o como o quinto mais quente dos últimos 92 anos. De notar que os quatro outubros mais quentes ocorreram todos nos últimos 25 anos: 2017 (19,6°C), 2014 (18,9°C), 2011 (18,9°C) e 1997 (18,8°C). Registo para a ocorrência de uma onda de calor³ entre os dias 2 e 8 de outubro, nas regiões do interior Norte e Centro, do vale do Tejo e em alguns locais do interior do Alentejo. Quanto à precipitação, o valor médio de 121,2mm foi 23% acima da normal 1971-2000, tendo-se concentrado principalmente durante a segunda quinzena. Em termos espaciais, os valores de precipitação foram inferiores à normal no Baixo Alentejo e no Algarve e muito superiores no Entre Douro e Minho, onde, em alguns locais, foi registado um total diário superior a 100mm (Cabril e Vila Nova de Cerveira registaram, respetivamente, 100,8mm e 100,3mm de precipitação no dia 23).

¹ Classifica-se como muito quente um mês cujo valor de temperatura média permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1971-2000), no intervalo dos 20% mais quentes.

² Classifica-se como chuvoso um mês cujo valor de precipitação permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1971-2000), entre os percentis 60 e 80.

³ Considera-se que ocorre uma onda de calor quando, num intervalo de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura máxima diária é superior em 5°C ao valor médio diário no período de referência (1971-2000).



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

informação à comunicação social

DIÍSTAQUE

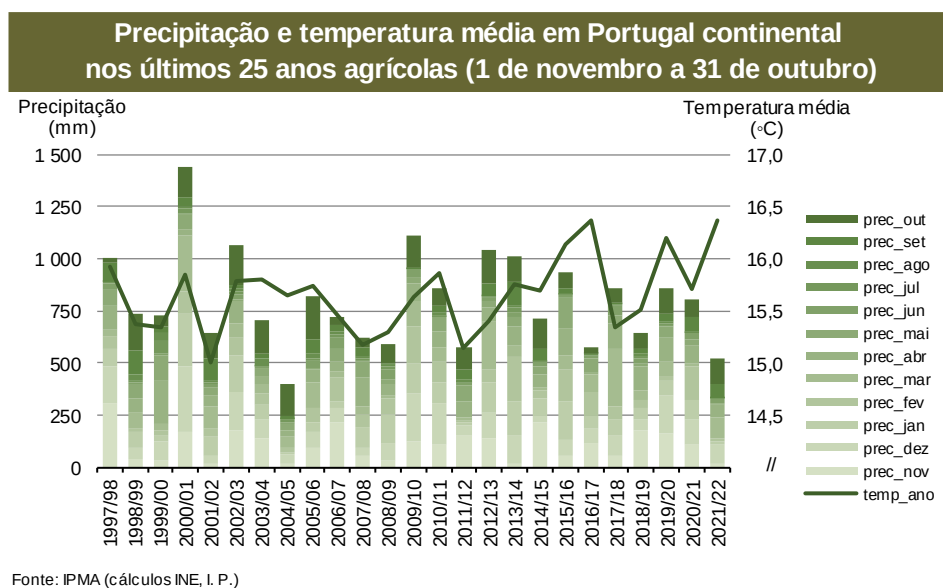
CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2022

Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	17,8	19,0	17,8	16,7	154,1	7,9	42,5	103,7
Desvio da normal	2,5	2,3	2,8	2,5	52,0	-15,8	-3,2	71,0
A sul do Tejo								
Valor verificado	20,5	21,4	20,4	19,7	56,1	1,3	30,4	24,4
Desvio da normal	2,9	2,4	3,0	3,2	-13,2	-12,8	-4,0	3,6

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Nota: foram utilizados dados de 63 estações meteorológicas a norte do Tejo e de 32 estações meteorológicas a sul do Tejo

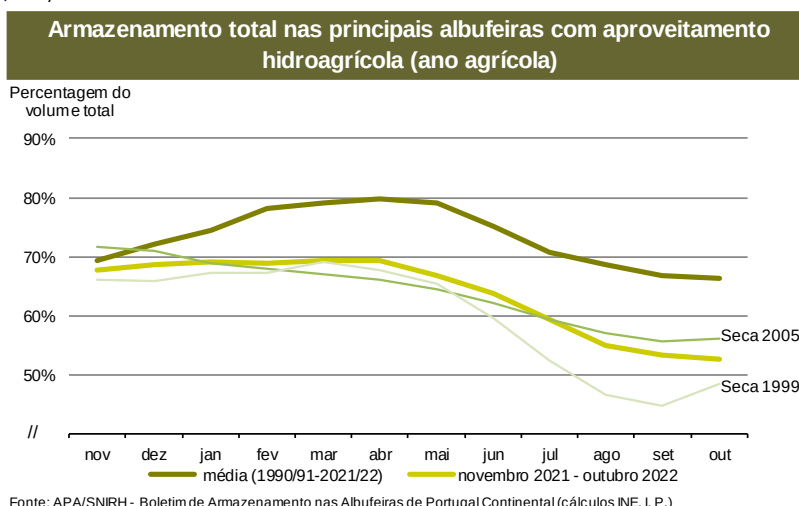
O ano agrícola 2021/22, que decorreu entre 1 de novembro de 2021 e 31 de outubro de 2022, foi o mais quente desde 1931, com uma temperatura média de 16,4°C (valor semelhante aos ocorridos nos anos agrícolas 1996/97 e 2016/17). Também foi o terceiro menos chuvoso desde 1931, com 521,7mm (correspondente a cerca de 65% da média dos últimos 25 anos), apenas acima dos valores de precipitação dos anos 2004/05 (396,5mm) e de 1944/45 (518,1mm). Nota para o facto da precipitação média ocorrida nos meses de setembro e outubro deste ano, classificados como chuvosos (66,5mm e 121,2mm, respetivamente), ter representado 36% da precipitação total do ano agrícola (em média, representa 19%).



PREVISÕES AGRÍCOLAS - outubro 2022

No final de outubro, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI⁴, verificou-se uma diminuição significativa da situação de seca meteorológica, quer em extensão, quer em intensidade. Efetivamente, deixaram de existir áreas na classe de seca extrema (a mais grave) e a seca severa (a segunda mais grave) ocupava 9,7% do território continental (32,2% em setembro), circunscrevendo-se à margem esquerda do Guadiana e à faixa raiana do sotavento algarvio. A restante área do Algarve, o distrito de Beja e o sul dos distritos de Setúbal e Évora, totalizando 17,9% do território, estavam em seca moderada, enquanto o interior Norte, parte da região Centro (a sul de Coimbra) e o Alto Alentejo passaram a estar em seca fraca (34,3%). O teor de água no solo, medido em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, aumentou de forma significativa em quase todo o território, mas em particular no interior Norte, no litoral Norte e Centro e em algumas zonas da Beira Baixa, que apresentavam valores superiores a 80%. No entanto, é ainda importante a prevalência de zonas com teores de água inferiores a 20% da sua capacidade de campo⁵, nomeadamente na Terra Quente Transmontana, no Douro Superior, em Riba Côa, no Alentejo e no Algarve, sendo que muitos destes solos apresentavam um teor de humidade igual ao ponto de emurchecimento permanente⁶.

Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola de Portugal continental⁷ encontrava-se a 52,6% da capacidade total, valor pouco inferior ao registado no final do mês anterior (53,4%) mas significativamente menor que o valor médio de 1990/91 a 2020/21 (66,4%). O ritmo de diminuição dos níveis de armazenamento abrandou, essencialmente devido à ocorrência de precipitação significativa, à interrupção das regas e à diminuição de perdas por evaporação. Ainda assim, o nível de armazenamento destas albufeiras continuou a registar valores inferiores aos observados na seca de 2005 (56,1%).



⁴ O índice PDSI (*Palmer Drought Severity Index*) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA, I.P.) - Boletim Climático de Portugal Continental, outubro 2022, consultado em 10 de novembro de 2022, https://www.ipma.pt/resources/www/docs/im.publicacoes/edicoes.online/20221110/NmLlwQwnsPttlidewhg/cli_20221001_20221031_pci_mm_co_pt.pdf.

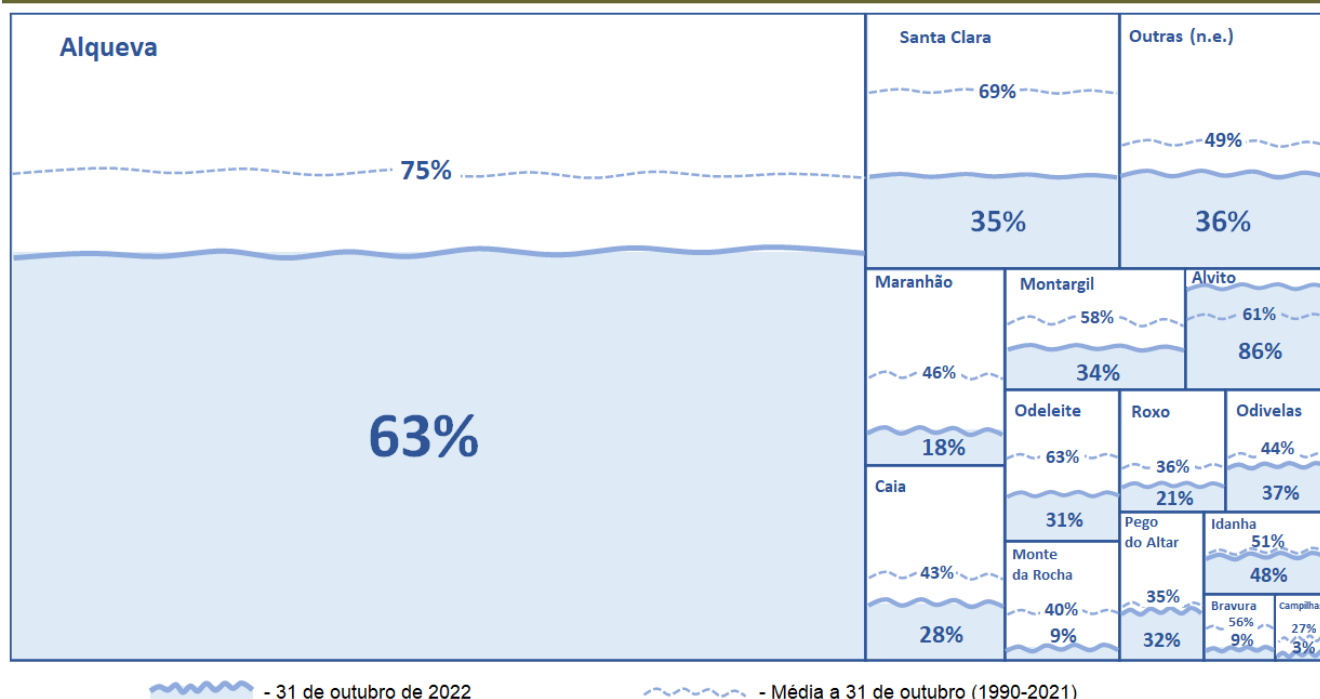
⁵ Teor de humidade do solo após se ter escoado a água gravitacional.

⁶ Teor de humidade do solo abaixo do qual as plantas são incapazes de extrair água.

⁷ Análise feita sobre as albufeiras monitorizadas no âmbito do SNIRH (Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos) cuja utilização inclui o fornecimento de água para rega (mais informações em <https://sir.dgadr.gov.pt/barragens>). Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras em outubro de 2022, consultado em 10 de novembro de 2022 in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>.

No final de outubro, todas as principais albufeiras associadas a aproveitamentos hidroagrícolas, à exceção do Alvito, apresentavam variações negativas de armazenamento de água, face à média 1990-2021. Em termos absolutos, a albufeira do Alqueva (com -487 milhões de m³), a de Santa Clara (-163 milhões de m³) e a do Maranhão (-58 milhões de m³) eram as que registavam maiores diminuições. Globalmente, o défice, face à média 1990-2021, era de 885 milhões de m³, o que, por comparação, corresponde aproximadamente à capacidade total das albufeiras de Santa Clara, Maranhão e Caia.

Armazenamento individual nas principais albufeiras de aproveitamentos hidroagrícolas



Fonte: APA/SNIRH - Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental; DGADR/SIR - Sistema de informação do regadio (cálculos INE, I. P.)

As charcas e barragens privadas de pequena dimensão apresentavam também menos água, face ao habitual, se bem que a precipitação de setembro e outubro tenha contribuído para a estabilização dos níveis de armazenamento. A recarga dos aquíferos, excetuando as zonas onde os solos já se encontram próximos da capacidade de campo, terá sido ainda praticamente nula, mantendo-se muito baixos os níveis freáticos dos furos e poços. As situações de dificuldade de abeberamento dos efetivos das explorações pecuárias, que persistiam em setembro no Alentejo, foram resolvidas com a precipitação da segunda quinzena de outubro.

Estas condições meteorológicas e hidrológicas foram favoráveis à realização dos trabalhos agrícolas da época, tendo-se registado interrupções apenas nos períodos de chuva mais intensa. Possibilitaram o início de alguns trabalhos manuais, nomeadamente a poda das vinhas e pomares, tarefas que, apesar da fraca tendência para a queda das folhas (devido à falta de frio), tiveram de começar mais cedo para fazer face à carência de mão-de-obra especializada. A precipitação e as temperaturas amenas permitiram ainda a melhoria das condições de desenvolvimento da maioria das culturas.

Apesar da precipitação, a utilização de alimentos conservados mantém-se em níveis muito superiores ao normal

A subida dos teores de humidade dos solos garantiu as condições mínimas para a realização das operações de mobilização do solo e sementeiras das culturas forrageiras (nomeadamente azevém ou consociações de gramíneas e leguminosas). Favoreceu ainda, em conjunto com as temperaturas amenas, a regeneração dos prados e pastagens de sequeiro. O aumento da matéria verde destas áreas permitiu a entrada em pastoreio dos efetivos de bovinos, mas ainda não garantiu a totalidade das necessidades alimentares, pelo que a maioria destes efetivos continuou a ser suplementada com alimentos conservados em quantidades consideradas semelhantes ao período homólogo, mas bastante superiores ao habitual para a época (o que, naturalmente, poderá comprometer a disponibilidade destes alimentos ao longo dos meses de inverno).

Campanha oleícola com perspetivas pouco animadoras

O olival tradicional é uma cultura predominantemente de sequeiro e, pese embora a sua elevada rusticidade e adaptação às condições, a seca afetou o seu desenvolvimento vegetativo, limitando o vingamento e o desenvolvimento dos frutos, o que levou à queda prematura da azeitona e de parte da folhagem. Devido às fracas perspetivas de produção, muitos olivais não foram tratados, o que intensificou, nalgumas zonas, os ataques recentes da mosca-da-azeitona e gafa, com reflexos negativos na qualidade do azeite.

A norte do Tejo, a precipitação ocorrida na segunda quinzena deste mês teve um efeito positivo na azeitona. A colheita dos olivais tradicionais a sul do Tejo ficou praticamente concluída durante o mês de outubro, sendo que em alguns olivais a quantidade de azeitona não justificou a colheita, o que contribuiu para as significativas quebras de produção.

Nos olivais intensivos a colheita está a decorrer com quebras de produção, embora menos acentuadas, estimando-se um decréscimo de produtividade global de azeitona de cerca de 40%, face à campanha anterior. O azeite obtido a partir das variedades Galega e Cobrançosa apresenta elevados valores de acidez, enquanto o obtido a partir das variedades Arbequina e Arbosana é, na generalidade, de melhor qualidade.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	2017	2018	2019	2020	2021	2022 f	2022 f	2022 f
	kg/ha						(Média 2017/21 = 100)	(2021 = 100)
OLIVAL								
Azeitona de mesa	1 939	2 811	3 858	3 312	4 253	2 550	79	60
Azeitona para azeite	2 420	2 029	2 460	1 908	3 606	2 170	87	60

f - Valor previsto

Produção de arroz deverá decrescer 15%

As perspetivas são de uma redução global na produção de arroz na ordem dos 15%. No entanto, regionalmente, a campanha decorreu de forma distinta. No Ribatejo e Alentejo, a colheita prosseguiu com relativa normalidade ao longo de todo o mês de outubro, embora com quebras de produção acentuadas, face à campanha anterior. Na região do litoral Centro, em particular no Baixo Mondego, a produção foi ligeiramente superior ao ano passado e com bom rendimento industrial. As searas de arroz colhidas mais cedo, apresentavam pouca humidade devido ao tempo seco que se registou nos meses de verão, o que reduziu os custos de secagem do arroz. Nas colheitas mais tardias, com a precipitação que ocorreu, o arroz ficou com alguma humidade nas panículas, o que promoveu a presença de periculária no final do ciclo vegetativo. Em todo o caso, a qualidade do arroz é globalmente boa.

Continente

Culturas	Produção						Índices	
	2017	2018	2019	2020	2021	2022 f	2022 f	2022 f
	1 000 t						(Média 2017/21 = 100)	(2021 = 100)
CEREAIS								
Arroz	180	161	161	133	176	150	92	85
Milho de regadio	729	698	733	661	731	658	93	90
Milho de sequeiro	15	15	22	21	22	14	75	65
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Tomate para a indústria	1 650	1 227	1 439	1 255	1 591	1 353	94	85
Girassol	21	17	12	10	10	10	71	100
FRUTOS								
Maçã	328	262	368	284	366	293	91	80
Pera	202	161	198	131	225	124	68	55
Kiwi	35	34	44	46	55	53	123	95
Amêndoa	23	17	32	32	41	35	121	85
Castanha	30	34	44	42	37	26	69	70
VINHA								
Uva de mesa	22	17	18	18	19	18	93	90
Vinho (1 000 hl)	6 515	5 840	6 302	6 226	7 146	6 074	95	85

f - Valor previsto

Previsões apontam para a mais baixa produção de milho para grão na última década

A colheita do milho para grão foi antecipada na maior parte das regiões, encontrando-se praticamente concluída. O tempo quente e seco favoreceu a colheita e secagem do grão, faltando apenas colher alguns milhos de ciclo mais longo e os instalados em parcelas localizadas em zonas húmidas que, entretanto, ficaram encharcadas com a precipitação de meados do mês, obrigando à interrupção dos trabalhos.

As condições meteorológicas adversas observadas ao longo do ciclo do milho provocaram um decréscimo generalizado de produtividade em todas as regiões. De referir que, a subida da cotação internacional desta

commodity e a Portaria 131/2022⁸ (diretamente ligada à invasão russa da Ucrânia) não se traduziram em acréscimos significativos de área de milho para grão, uma vez que o extraordinário aumento dos preços dos meios de produção, sobretudo dos fertilizantes, energia e combustíveis, terá pesado na decisão dos agricultores/as. Desta forma, estima-se uma diminuição de produção no milho para grão de regadio de 10%, resultado essencialmente dos decréscimos do rendimento.

Tomate para a indústria afetado pelas altas temperaturas e chuvas de setembro

No tomate para a indústria a colheita concluiu-se na primeira semana de outubro, confirmando-se uma quebra de produção relativamente à campanha anterior na ordem dos 15%. A cultura foi prejudicada pelas elevadas temperaturas ocorridas em julho e agosto, que afetaram a floração e causaram muitas ocorrências de escaldão nos frutos em crescimento, e também pela precipitação no final da campanha, que originou podridões e atrasos nas maturações e colheitas.

Produção de maçã decresce 20% e de pera 45%

Nas maçãs, as variedades mais tardias do grupo Granny foram colhidas até à primeira quinzena de outubro e as do grupo Fuji até à última semana do mês, tendo-se verificado uma quebra de produção menos significativa do que o esperado. Nas variedades precoces, nomeadamente no grupo das Galas, o decréscimo da produção rondou os 20%, enquanto nas Golden e nas Reinetas a produção foi semelhante à da campanha anterior. Globalmente preveem-se decréscimos na produção de maçã na ordem dos 20%, relativamente ao ano passado. De um modo geral, a qualidade dos frutos é boa, com graus Brix⁹ elevados, sabores intensos e concentrados. No entanto, os calibres são inferiores ao normal, o que levou alguns produtores/as, para satisfazerem as exigências de mercado, a colherem em várias passagens na mesma árvore, sendo que, em algumas variedades, parte da produção foi depreciada por apresentar calibres muito reduzidos.

A colheita da pera concluiu-se na região do Oeste durante a primeira quinzena de setembro, registando-se quebras na produção global de 45%, relativamente à campanha anterior, devido às condições meteorológicas adversas e à estenfiliose¹⁰. De referir que em termos qualitativos os calibres e os teores de açúcar foram superiores à campanha anterior.

⁸ As áreas que em 2022 foram declaradas como pousio para cumprimento das práticas de diversificação de culturas e/ou detenção de uma superfície de interesse ecológico podem, exceionalmente este ano, ser utilizadas para a produção de alimentos ou como áreas forrageiras. Para mais detalhes sobre a portaria, consultar <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/131-2022-181256580>.

⁹ Escala que quantifica a concentração do fruto em resíduo seco solúvel e determina o seu grau de maturação.

¹⁰ Também conhecida como a doença das manchas castanhas, a estenfiliose da pereira é causada pelo fungo *Stemphylium vesicarium* (Wall.) Simmons, que causa danos graves nas folhas e, sobretudo, nos frutos (com queda prematura ou estado sanitário, à maturação, impeditivo da sua comercialização).

Precipitação beneficia pomares de kiwis

A precipitação ocorrida, com o consequente aumento da humidade nos solos, promoveu o desenvolvimento dos kiwis, que estão maioritariamente no estado fenológico M - fruto em crescimento. A colheita da variedade Hayward, a mais representativa, deverá começar na segunda semana de novembro, prolongando-se por todo o mês. No litoral Centro a colheita do kiwi verde terá início no mês de novembro, apresentando os frutos calibres e grau Brix inferiores ao normal. Globalmente prevê-se um ligeiro decréscimo de produção de 5%, uma vez que muitos pomares de kiwi mantêm a produtividade constante ao longo dos anos, devido ao uso de substâncias que provocam a quebra de dormência, ao pólen artificial e ao controlo muito rigoroso das dotações de rega, entre outras práticas culturais.

Produção dos novos amendoais do Alentejo foi insuficiente para compensar as quebras em Trás-os-Montes

A colheita da amêndoa concluiu-se em outubro, estando a realizar-se os trabalhos de descasque, secagem e armazenamento. Ao contrário das primeiras estimativas, a entrada em produção dos novos pomares do Alentejo não foi suficiente para compensar a quebra de produção registada em Trás-os-Montes, essencialmente devido à situação de seca e às geadas tardias. A produção global deverá diminuir 15% face à campanha anterior, mantendo-se, ainda assim, 21% acima da produção média do último quinquénio. Nota para a influência que a precipitação de setembro e outubro teve nas amendoeiras, possibilitando a absorção de nutrientes antes da queda das folhas e, consequentemente, a reposição das reservas energéticas, situação que irá beneficiar a cultura no próximo ciclo vegetativo.

Soutos com expressivo decréscimo de produção

A precipitação da segunda quinzena do outubro contribuiu para atenuar o stress hídrico dos soutos e para o desenvolvimento vegetativo dos ouriços, favorecendo o aumento do calibre das castanhas. Contudo, para a maioria dos soutos que se encontravam no início da queda de frutos, a melhoria das condições foi tardia, pelo que as perspetivas são pouco animadoras, estimando-se um decréscimo de produção de 30%, face à campanha passada. A propagação da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus Yasumatsu*) é uma preocupação acrescida, sendo bem visível a redução da floração e respetiva frutificação nas árvores atacadas. O efeito da luta biológica só é visível após alguns anos, pelo que não devem ser descuradas as largadas continuadas do inseto parasitoide *Torymus sinensis*.

Chuvas de setembro e outubro beneficiam vindimas tardias

As vindimas concluíram-se até ao final do mês, apenas com interrupções pontuais nos períodos de maior precipitação. A campanha foi significativamente influenciada pelas altas temperaturas e falta de humidade que acompanharam fases decisivas do ciclo vegetativo da vinha: após uma floração e alimpa regular, os sintomas de *stress* hídrico começaram a manifestar-se muito cedo, logo a partir de maio, com impacto direto no desenvolvimento dos bagos que, apesar de em elevado número por cacho, mantiveram-se pequenos e leves. O calor extremo de julho e de agosto conduziu a situações muito frequentes de escaldão e dessecação dos cachos, bem como à paragem de desenvolvimento dos bagos, que estagnaram em níveis de açúcar relativamente baixos. Face a este cenário, muitos viticultores/as optaram por realizar nestas condições a vindima, de forma a minimizar os prejuízos, entregando nas adegas uvas sãs, ainda que com um grau alcoólico potencial inferior ao habitual. As chuvas de setembro desbloquearam a paragem fisiológica nas vinhas não vindimadas, permitindo o enchimento dos bagos e o aumento do teor de açúcares, apesar de terem prejudicado o estado sanitário das uvas (nomeadamente com o surgimento de podridão cinzenta). Excetuando algumas sub-regiões da Região do Vinho Verde, da Bairrada e da Beira Interior, a produção deverá ser inferior à da vindima de 2021, estimando-se uma diminuição global de 15%. Antecipam-se vinhos bem estruturados, com harmonia entre álcool, acidez, açúcares e taninos.

Na uva de mesa, a diminuição da produção deverá rondar os 10%, face à campanha anterior.

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2022;

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE;

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes).